

CAPÍTULO VI

REPRESENTAÇÕES DE GERMANIDADE, IDENTIDADE ÉTNICA E VITALIDADE ETNOLINGUÍSTICA.

Clélia Maria Nascimento-Schulze
Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC

As estórias dos brasileiros de origem alemã que contribuíram para com este trabalho tem de ser necessariamente consideradas dentro da realidade histórica da imigração alemã em Santa Catarina

As mudanças marcantes que ocorreram na estrutura social e econômica da Alemanha foram os eventos determinantes da evasão de milhares de alemães no século XIX.

A imigração dos alemães para o sul do Brasil se inicia em 1824. A grande maioria destes imigrantes pertencia às populações da Europa central que não podia ser integrada aos grupos sociais existentes. Esta desintegração se devia à emancipação dos camponeses, à explosão demográfica e à crise nos setores da indústria e da agricultura.¹

As causas da imigração alemã foram principalmente de origem econômica e social, porém, havia também muitos casos de imigração por motivos políticos e religiosos embora estes tivessem ocorrido em menor escala.

A superpopulação existente nos estados alemães no século XIX estava associada ao racionamento da alimentação. Além disso, a legislação alemã determinava a fragmentação das pequenas propriedades para os herdeiros. Também, a reorganização da economia no capitalismo passou a promover o trabalho oferecido em base diária sem garantias ou direitos para os trabalhadores. Como consequência disto, os camponeses passaram a ser empregados para

desempenhar tarefas isoladas tais como apenas o plantio ou apenas a colheita. Assim, havia uma correlação entre a crise do desemprego e a imigração.

O imigrante que veio para o Brasil no século passado foi recebido no contexto do branqueamento da raça, que era uma estratégia política das minorias brasileiras, no intuito de diluir o poder da maioria (numérica) negra.

Argumenta-se que o imigrante branco foi usado indiretamente para afastar os negros das possíveis oportunidades de emprego tornando-os assim ainda mais socialmente marginalizados. Além disso, o imigrante branco também serviu de instrumento para a desestruturação da organização social dos índios.²

Segundo Klug, houve três ondas de imigração alemã para Santa Catarina.

A primeira (1815-1865) envolveu imigrantes que eram camponeses, proprietários de terras de pequeno porte com suas famílias, e tinham proveniência de diferentes regiões da Alemanha. Pode ser subdividida em três fases, a saber:

de 1815 a 1830, e todos imigrantes vieram do sudeste.

de 1830 a 1850. Os imigrantes vieram de regiões da Alemanha que se caracterizavam por um tipo de trabalho voltado as questões rurais, assim como ao trabalho manual e a indústria caseira.

de 1850 a 1865, os grupos de imigrantes vieram das áreas do norte e do leste e trabalhavam basicamente com a terra. Também haviam grupos do Leste do Elba e da Prússia.

Na segunda onda de imigração (1865-1895), os grupos vieram do nordeste da Alemanha e eram formados por trabalhadores diaristas, pequenos proprietários e assalariados. Neste estágio, os imigrantes solteiros eram os mais comuns.

Na terceira onda (1895-1914), o imigrante solteiro era o mais característico do grupo e poucas famílias faziam parte do mesmo. Um grande número de trabalhadores industriais compunha este grupo.

Nas primeiras décadas do século XIX o estado de Santa Catarina estava escassamente populado. A ausência de escravos na região levou os diferentes grupos de imigrantes a instalar em propriedades menores do que a dos fazendeiros de outros estados que contavam com mão-de-obra escrava. Os açorianos já estavam presentes no estado desde meados do século XVIII e os alemães se juntaram a outros grupos étnicos como os italianos, os franceses e os belgas.

O primeiro grupo de imigrantes alemães chegou próximo de Florianópolis em torno de Novembro de 1828 e mais tarde outros grupos ocuparam colônias vizinhas (1847-60). Os imigrantes alemães chegaram em Blumenau e Joinville em torno de 1850.

A comunidade evangélica alemã era a instituição que congregava a grande maioria de alemães residentes em Florianópolis. A Igreja Luterana se instalou em Joinville em 1851, em 1857 em Blumenau e em 1869 em Florianópolis.

A escola alemã, a igreja, a comunidade e a língua alemã, em conjunto, traziam a unidade da cultura alemã e do Deutschtum.

O "Deutschtum" representa para os teuto-brasileiros a etnia, e ainda envolve um sentimento de solidariedade em relação aos membros do grupo de indivíduos com origem alemã. Tal sentimento funciona como uma barreira para a assimilação de outra cultura. O "Deutschtum" liga os membros do grupo alemão através do compartilhar de uma cultura, do sangue e da língua, sendo que o território não é um elemento definidor de tal conceito.³

A religião luterana sempre foi um fator central para a manutenção da identidade do grupo, principalmente porque os cultos eram ministrados em língua alemã.

Um outro fator reportado como importante para a manutenção da identidade grupal é o casamento entre descendentes de alemães, já que os casamentos inter-étnicos vem a enfraquecer os laços afetivos dos teuto-brasileiros em relação à cultura alemã.

As duas guerras mundiais tiveram um efeito bastante claro sobre a manutenção da cultura alemã. Como consequência da participação do Brasil na 1ª guerra, contra a Alemanha, o Estado impôs o fechamento de todas as escolas alemãs que não adotavam - em Santa Catarina e Rio Grande do Sul - o português como 1ª língua.

Em 1918, o governo brasileiro reagiu à forte coesão social e aos fortes sentimentos comunitários dos membros das colônias alemã e italiana, impondo o uso da língua portuguesa na prática diária.

A escola era vista como o instrumento mais importante, tanto para forçar os imigrantes a assimilarem a cultura brasileira como também para impor um programa de nacionalização.

Os documentos históricos evidenciam o fato de que tanto a comparação social como o conflito intergrupais contribuíram para a idéia de superioridade dos alemães. O elemento de comparação social mais relevante era a eficiência no trabalho de tal forma que havia uma correspondência entre o status na escala étnica e a eficiência na escala de trabalho.

Seyferth também relata uma diferenciação entre as categorias de identidade atribuídas aos brasileiros com origem alemã e aos alemães nascidos na Alemanha: um conflito começou a existir porque os "neudeutscher" vieram para ocupar os melhores empregos nas indústrias e tomaram as oportunidades dos teuto-brasileiros.

Muitos brasileiros foram influenciados pela doutrina nazista que maximizava a suposta superioridade racial dos alemães e exaltava a língua alemã, porém, há evidências de que a grande maioria dos teuto-brasileiros não aceitava um partido estrangeiro e era anti-nazista.

A literatura também sugere que, a partir da realidade histórica mencionada, uma série de estereótipos foram atribuídos e amplamente compartilhados em relação aos alemães. Estes estereótipos foram reforçados durante a 2ª guerra mundial e serviram para justificar a perseguição feita aos alemães nesse período.

Se já estavam marcadas as categorias definidoras "excelência no trabalho" e "superioridade no que tange a qualidade de vida", a segunda guerra mundial adicionou às já existentes categorias

definidoras do tipo alemão outras como "racista ou intolerante" e "político".

Considerando este pano-de-fundo teórico/histórico, decidimos examinar os estereótipos que se tem de grupos étnicos por parte de indivíduos catarinenses.

Estereótipos Sociais e grupos sociais

Cabe aqui fazer um parêntesis e trazer algumas contribuições teóricas que subsidiarão a nossa compreensão da realidade e interpretação dos dados.

Primeiramente, é importante afirmar que de nossa perspectiva teórica, qualquer trabalho empírico voltado para as questões cognitivas dos estereótipos tem de ser considerado num contexto de relações intergrupais.

O fenômeno cognitivo dos estereótipos precisa ser necessariamente considerado quando a percepção social dos membros do "ingroup" sobre os membros do "outgroup" envolver algum nível de conflito intergrupar ou de competição social. Sempre que os membros do "ingroup" compartilharem uma visão que favoreça o "sistema de crenças da mudança social" e também se comportarem em termos intergrupais (e não com base em percepções individuais), haverá uma grande possibilidade de que os membros do "outgroup" sejam percebidos como itens semelhantes dentro de uma categoria social unificada e não como categorias individuais.⁴

Tajfel⁵ adota a definição de estereótipos apresentada por Oliver Stallybrass (1977) em que o último define estereótipos como:

" uma imagem mental super-simplificada de uma certa categoria e usualmente de um indivíduo, instituição, ou evento, compartilhada, em aspectos essenciais, por um amplo número de pessoas. As categorias podem ser amplas (Judeus, brancos, negros), ou restritos (feministas, filhos da revolução

americana)... Estereótipos são normalmente, mas não necessariamente seguidos de preconceito, ou seja, uma pré-disposição favorável ou desfavorável em relação a qualquer membro da categoria em questão. (pg 160)

Assim, os estereótipos são vistos como certas generalizações que são uma instância do processo cognitivo mais geral de categorização. Este processo tem, como sua principal função, simplificar ou tornar sistemática a abundante e complexa quantidade de informações que o organismo humano recebe do ambiente.

Entretanto, tais estereótipos podem apenas ser vistos quando são compartilhados por um amplo número de pessoas dentro de grupos sociais.

Tajfel admite 4 funções dos estereótipos sociais. Uma primeira função diz respeito aos seus aspectos cognitivos, o argumento principal aqui é de que o processo de estereotipia nos auxilia a dar ordem e orientação ao cotidiano e ao mundo social.

A segunda função seria a de auxiliar os indivíduos a defender e preservar seu sistema de valores, especialmente quando novas categorizações sociais ameacem os valores compartilhados, que estão na base das diferenciações grupais aceitas.

A terceira função dos estereótipos seria a de contribuir para a criação e preservação de ideologias grupais que tem o objetivo de explicar ou justificar uma variedade de ações sociais. Finalmente, uma quarta função nos auxilia na preservação ou criação de diferenciações grupais positivamente orientadas para o "ingroup".

Assim, um dos objetivos do presente trabalho foi o de desvendar os estereótipos atuais em relação aos teuto-brasileiros; assim como o dos brasileiros e dos alemães.

No que tange a terceira função dos estereótipos, que seria a de criar e preservar ideologias, os estereótipos são utilizados para explicar eventos sociais não familiares e justificar ações do "ingroup" em relação ao "outgroup".

Para obter os dados referentes aos estereótipos, foram criados 3 questionários baseados na proposta de Katz e Braly.⁶ O mesmo conjunto de 40 adjetivos (20 com conotação positiva e 20 com conotação negativa) foram utilizados para caracterizar os alemães, os brasileiros e os teuto-brasileiros. Cada adjetivo escolhido acompanhado de um sinal positivo, negativo ou neutro. Pedia-se aos Ss que (I) escolhessem tantos adjetivos quanto lhes fossem necessários para definir o grupo; (II) que escolhessem os 5 mais importantes; (III) que atribuíssem percentagem à significância dos 5 adjetivos escolhidos e (IV) que atribuíssem um valor positivo, negativo ou neutro a cada um dos adjetivos escolhidos.

159 Ss responderam aos questionários, sendo 83 deles brasileiros com origem alemã e 76 sem origem alemã.

Os dados foram analisados primeiro focalizando as semelhanças entre as tipologias produzidas pelos teuto-brasileiros e pelos brasileiros; segundo notando as estratégias adotadas para tipificar o "ingroup" e terceiro evidenciando quais as estratégias utilizadas frente aos "outgroup" imediato e distante.

Tipologias produzidas pelos teuto-brasileiros e brasileiros.

Estereótipo do Alemão

Ao comparar a tipologia produzida pelos grupos dos T.B. e dos B. (Tabela I e Tabela IV) emergem como categorias comuns definidoras do estereótipo do alemão: trabalhador, fechado, racional. Quanto às duas outras categorias não comuns, nota-se que quando os brasileiros atribuíram as características racista e formal aos alemães, os teuto-brasileiros lhes imputaram as categorias lutador e nacionalista.

Estereótipo do Teuto-Brasileiro

As tipologias produzidas pelo grupo dos T.B. e dos B. relativas ao estereótipo do T.B. (Tabela III e Tabela VI), apresentam

como características comuns: trabalhador, lutador e honesto. As outras duas características não-comuns sugerem que enquanto que os teuto-brasileiros admitem ser politicamente conservadores, os brasileiros os vêem como racistas e enquanto que os teuto se vêem como alegres, os brasileiros os vêem como fechados.

Estereótipo dos brasileiros

Ao comparar as duas tipologias produzidas pelo grupo dos T.B. e dos B. relativas ao estereótipo dos brasileiros (Tabela II e Tabela V), emergem como categorias comuns: alegre, musical e simpático, ou seja, categorias definidoras de uma dimensão de sociabilidade. Quanto às duas outras categorias dispare, os brasileiros se vêem como religiosos e emocionais enquanto que os teuto-brasileiros os vêem como sociáveis e não-pontuais.

Estratégias frente ao "ingroup"

Os teuto-brasileiros se categorizam de forma positiva, exceto pelo item conservador que por alguns é visto como sendo positivo, e por outros como negativo e por outros como neutro.

Os brasileiros se vêem de forma ainda mais positiva sendo que o único item que não apresenta um consenso é o item religioso (visto como positivo e neutro).

Esta direção dos dados segue as previsões da Teoria de Identidade Social segundo a qual uma estratégia comumente escolhida pelos membros do "ingroup", ao atribuírem categorias a si próprios, é a de escolher categorias que os distingam positivamente.

Estratégias frente aos "outgroups" (Distante e Imediato).

Vamos considerar aqui os teuto-brasileiros atribuindo estereótipos aos brasileiros e aos alemães assim como os brasileiros atribuindo estereótipos aos teuto e aos alemães.

Os T.B., ao atribuírem uma tipologia aos brasileiros, (tabela II), enfatizam a alegria e a sociabilidade, apenas lhes atribuindo uma característica negativa que é a falta de pontualidade, o que para os T.B. é intolerável.

Ao considerarem os alemães, os categorizam como trabalhadores, nacionalistas e racionais sendo que a única atribuição mais crítica ou negativa é a de serem fechados, ou seja, falta-lhes a sociabilidade e alegria que, aliás, os teuto-brasileiros atribuem a si mesmos mas que os brasileiros não confirmam.

Já os brasileiros vão assumir uma estratégia de atribuir mais itens negativos aos "outgroups". Ao atribuírem um estereótipo aos T.B., admitem a superioridade dos mesmos em relação ao trabalho e à honestidade, porém, no que tange a sociabilidade, vão tipificá-los de fechados e racistas.

Também categorizam os alemães como fechados, trabalhadores e racionais e além disto como racistas e formais. (três itens negativos). Interessante notar aqui que quanto mais distante o "outgroup", tanto mais negativa a tipologia. Esses dados fazem um eco em relação aos dados dos estudos norte-americanos de algumas décadas, relativas a preconceito racial.

Podemos concluir que os estereótipos referentes aos alemães parece fazer parte da "memória social" dos brasileiros; já que a maior parte dos respondentes, com menos de 35 anos, certamente ouviu falar da guerra ou pelos avós ou pelos pais não a tendo presenciado, porém, tendo sentido seu impacto nos anos subsequentes.

Os grupos sociais criam estereótipos e representações sociais que servem diferentes propósitos grupais. Moscovici se refere a três tipos de interesses grupais relativos às representações: a difusão, a propagação e a propaganda. Estes, cumprem propósitos comunicativos e diferem em termos do quanto são consensualmente compartilhados por grupos ou subgrupos.

Tajfel, na teoria de identidade social, argumenta que os estereótipos servem três tipos de funções, a saber: a causalidade social,

que implica em se achar um bode expiatório, a justificação social e a diferenciação social.

Breakwell⁷ assume que as representações sociais além dos interesses grupais acima mencionados e da função de tornar o não familiar mais familiar, também sirva as mesmas funções que os estereótipos. Assim, as representações sociais podem ser assumidas pelo "ingroup" como forma de expressão para que seus membros adquiram diferenciação positiva frente ao "outgroup".

Nesse sentido, achamos interessante ministrarmos o questionário de estereótipos sociais antes da coleta dos dados representacionais, para situarmos aos sujeitos a realidade das relações intergrupais em questão.

Representações de Germanidade

Quinze entrevistas foram realizadas com teuto-brasileiros, quase todos fluentes no alemão, com exceção de dois sujeitos.

Foram entrevistados 7 mulheres e 8 homens de diferentes faixas etárias, variando dos 74 aos 18 anos. Estes, foram agrupados em 3 faixas etárias (55 - 74 anos; 35 - 55 anos; 18 - 35 anos).

Como dados preliminares, pudemos verificar que a representação de "Deutchtum" é semelhante à veiculada nos livros históricos, ou seja, se refere a uma cultura, sangue e língua compartilhados (muitos se referem também à religião).

Segue abaixo um exemplo retirado de uma entrevista de uma senhora, de origem alemã com 73 anos.

- E: *Como a senhora define a expressão germanidade?*

- I.: *Bom, eu acho que as pessoas que descendem dos alemães e que cultivam a língua e até os seus costumes, sempre fica alguma coisa... em termos de germanidade, não é? Apesar de a gente estar aqui há muitos e muitos anos... Isso é natural.*

A germanidade é representada e assumida enquanto categoria de identidade social, diferentemente pelos sujeitos dos 3 grupos de faixa etária. Abaixo, temos dois exemplos retirados de entrevistas com

dois sujeitos com idade de 43 e 44 anos, o primeiro do sexo feminino e o segundo do sexo masculino.

Z.: Deutchtum - eu acho isso preconceituoso... hipócrita... Eu acredito que os povos tem características inerentes a eles, oriundas das culturas deles. Mas eu não acho que isso vai determinar o padrão de comportamento, de caráter, de personalidade da pessoa... não acredito nisso não, na germanidade...

E. - A sensação que eu tenho é que os alemães estão amarrados, em primeiro lugar, a um passado, a um fantasma... é o inconsciente coletivo ou coisa parecida, eles tem fantasmas que são do provincianismo, porque não tiveram a experiência imperialista dos ingleses e franceses... de serem cosmopolitas.

Pudemos notar que os entrevistados da geração intermediária (35 - 55 anos), foram mais críticos em relação à adoção da categoria germanidade enquanto causadora de distinção social.

Os dois entrevistados mais jovens (18 e 19 anos), cujos ancestrais emigraram para Blumenau e Joinville e se estabeleceram como comerciantes, por um lado demonstraram o orgulho de pertença ao grupo germânico, porém, por outro lado, criticaram abertamente a postura nacional socialista dos alemães.

Se os sujeitos mais jovens falaram abertamente sobre o nazismo, o grupo de idosos mal conseguiu articular suas idéias e memórias sobre a experiência da segunda guerra mundial. Além disso, os sujeitos com idade entre 30 aos 45 anos, demonstraram ter sofrido as consequências da guerra sendo alvo de discriminação por parte dos brasileiros.

Junto a todos esses fatos, fica evidente que há uma forte ligação entre o abandono da língua alemã e um sentimento mais fraco de identidade étnica por parte dos sujeitos mais jovens.

Esse fato pode ser também interpretado como um resultado do processo mais amplo de globalização econômica, que afeta o mundo do trabalho e as identidades étnica e social dos grupos existentes. Tal efeito se estende à vitalidade no uso das línguas correspondentes às culturas minoritárias.

Como bem coloca Ianni⁸ "a globalização tende a desenraizar as coisas, gentes e idéias". O autor nos chama a atenção para a predominância do espaço global no tempo presente, característica da desterritorialização, momento essencial do atual estágio da modernidade, que propõe um modo de ser isento de tempos e espaço, no qual se engendram espaços e tempos inimagináveis.

Os dados representacionais aqui em questão, nos proporcionam essa viagem através de tempos que são imaginados, reconstruídos num presente onde as identidades se globalizam e a vitalidade das línguas maternas se perdem em prol de um desejo de usar as novas línguas aprendidas de uma maneira instrumental.

TABELAS

Tabela I - Teuto-Brasileiros (Total 83 sujeitos)

ESTEREÓTIPO DO ALEMÃO

Adjetivos	Nº de escolhas	%	Média %*	Valor de cada adjetivo					
				Positivo		Neutro		Negativo	
				N	%	N	%	N	%
Trabalhador	55	66,2%	83,9%	40	97,5%	1	2,43%	0	0%
Lutador	32	38,5%	82,5%	24	100%	0	0%	0	0%
Nacionalista	30	36,1%	82,4%	17	63%	6	22,2%	4	14,8%
Racional	30	36,1%	80,5%	17	63%	7	25,9%	3	11,1%
Fechado	29	34,9%	79,6%	0	0%	1	5%	19	95%

* Média % = É a média percentual de alemães que são considerados como tendo as características do adjetivo.

Tabela II - Teuto-Brasileiros (Total 83 sujeitos)

ESTEREÓTIPO DO BRASILEIRO

Adjetivos	Nº de escolhas	%	Média %*	Valor de cada adjetivo					
				Positivo		Neutro		Negativo	
				N	%	N	%	N	%
Feliz	37	44,5%	84,2%	16	100%	0	0%	0	0%
Musical	30	36,1%	82%	24	100%	0	0%	0	0%

Simpatico	26	31,3%	78,4%	14	100%	0	0%	0	0%
Não Pontual	24	28,9%	78,2%	1	5,9%	0	0%	16	94,1%
Sociável	23	27,7%	74,2%	16	100%	0	0%	0	0%

* Média % = É a média percentual de brasileiros que são considerados como tendo as características do adjetivo.

Tabela III - Teuto-Brasileiros (Total 83 sujeitos)

ESTEREÓTIPO DO BRASILEIRO DE ORIGEM ALEMÃ

Adjetivos	Nº de escolhas	%	Média %*	Valor de cada adjetivo					
				Positivo		Neutro		Negativo	
				N	%	N	%	N	%
Trabalhador	61	73,4%	81,5%	35	94,5%	2	5,5%	0	0%
Lutador	34	40,9%	79,8%	18	94,7%	0	0%	1	5,3%
Honesto	23	27,7%	75,9%	13	92,8%	0	0%	1	7,2%
Conservador	22	26,5%	71,2%	4	22,2%	6	33,3%	8	44,5%
Feliz	19	22,8%	73,7%	9	100%	0	0%	0	0%

* Média % = É a média percentual de brasileiros de origem alemã que são considerados como tendo as características do adjetivo.

Tabela IV - Brasileiros (Total 76 sujeitos)

ESTEREÓTIPO DO ALEMÃO

Adjetivos	Nº de escolhas	%	Média %*	Valor de cada adjetivo					
				Positivo		Neutro		Negativo	
				N	%	N	%	N	%
Trabalhador	41	53,9%	84,4%	22	100%	0	0%	0	0%
Fechado	38	50%	77,2%	2	8,7%	1	4,3%	20	87%
Racista	37	48,6%	72,6%	0	0%	0	0%	22	100%
Racional	33	43,4%	84,7%	11	52,4%	6	28,6%	4	19%
Formal	32	42,1%	81,5%	14	48,3%	3	10,3%	12	41,4%

* Média % = É a média percentual de alemães que são considerados como tendo as características do adjetivo.

Tabela V- Brasileiros (Total 76 sujeitos)

ESTEREÓTIPO DO BRASILEIRO

Adjetivos	Nº de escolhas	%	Média %*	Valor de cada adjetivo					
				Positivo		Neutro		Negativo	
				N	%	N	%	N	%
Feliz	34	44,7%	84,8%	17	100%	0	0%	0	0%
Religioso	29	38,1%	82,8%	10	62,5%	4	25%	2	12,5%
Simpático	29	38,1%	80,4%	15	100%	0	0%	0	0%
Musical	27	35,5%	84,3%	25	100%	0	0%	0	0%
Emocional	23	30,3%	76,9%	18	81,8%	1	4,6%	3	13,6%

* Média % = É a média percentual de brasileiros que são considerados como tendo as características do adjetivo.

Tabela VI- Brasileiros (Total 76 sujeitos)

ESTEREÓTIPO DO BRASILEIRO DE ORIGEM ALEMÃ

Adjetivos	Nº de escolhas	%	Média %*	Valor de cada adjetivo					
				Positivo		Neutro		Negativo	
				N	%	N	%	N	%
Trabalhador	46	0,5%	80,3%	25	100%	0	0%	0	0%
Fechado	29	8,1%	69,3%	1	6,2%	1	6,2%	14	87,6%
Honesto	23	0,3%	77,3%	14	100%	0	0%	0	0%
Racista	23	0,3%	75,6%	2	18,1%	0	0%	9	81,9%
Lutador	22	8,9%	81,6%	10	100%	0	0%	0	0%

* Média % = É a média percentual de brasileiros de origem alemã que são considerados como tendo as características do adjetivo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ¹KLUG, J. (1994). *Imigração e Luteranismo em Santa Catarina. A comunidade alemã de Desterro*. Florianópolis: Papa-Livro.
- ²DREHER, M. N. (1994). *Apresentação do livro Imigração e Luteranismo em Santa Catarina*. Autor J. Klug. Florianópolis. Papa Livro.
- ³SEYFERTH, G. (1981). *Nacionalismo e identidade étnica*. Florianópolis: F.C.C.
- ⁴TAJFEL, H. and TURNER, J. C. (1979). An integrative theory of intergroup conflict. In W. G. Austin and S. Worchel (eds): *The Social Psychology of intergroup relations*. Monterey. Califórnia. Brooks/Cole.
- ⁵TAJFEL, H. (1982). *Grupos Humanos e Categorias Sociais*. Lisboa: Horizonte.
- ⁶KATZ, D. and BRALY, K. W. (1993). Racial stereotypes of one hundred college students. *Journal of abnormal and Social Psychology*, 28, pg. 280-290.
- ⁷BREAKWELL, G.M. (1993). Social Representations and Social Identity. *Papers on Social Representations*. Vol.2(3):198-217.
- ⁸IANNI, O. (1992). *A Sociedade Global*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- VI-Simpósio de Pesquisa e Intercâmbio Científico da ANPEPP
Teresópolis, Rio de Janeiro, 22 a 25 de maio de 1996